

Para além da Auréola

Eng. António Ribeiro dos Santos

Director do Gabinete de Relações Públicas e Informação da EDP

É-me grato poder manifestar a minha opinião sobre aquela que é a mais antiga e prestigiada revista de Engenharia do País; um exemplo de sucesso na comunicação social especializada.

E isto porque, mantendo sempre o futuro como horizonte, a revista *Electricidade* tem sabido ser, ao longo dos já quase quarenta anos que leva a sua existência, o veículo de uma cultura que aposta no debate de ideias como forma de estar na Técnica.

Caracterizada por uma insatisfação constante, a sua actividade editorial vem trazendo ao nosso quotidiano temas de elevado interesse e marcada actualidade, ajudando-nos, muitas vezes, a encontrar caminhos de

solução de problemas ou, pelo menos, a equacioná-los à luz de novos conceitos.

O protagonismo, a voluntariedade - e não só a auréola - fazem da revista *Electricidade* uma companheira indispensável a um engenheiro que se pretenda manter actualizado, muito em particular nos temas menos presentes no seu quotidiano profissional. E ainda mais se, como é o seu caso, se tem também preocupações na área da comunicação, hoje premente, de resto, em todos os campos.

É por isso que me orgulho de ser um dos seus leitores militantes; e é por isso que defendo que ela é bem o paradigma de que a longevidade é possível quando a qualidade é omnipresente. ■

Um Atributo que Encanta

Eng. Franklin Guerra

Ao reler as linhas que tive a honra de escrever para a *Electricidade* em Fevereiro de 1974, quando a Revista festejou o seu nº 100, não posso eximir-se a admirar a profunda transformação que o nosso país sofreu. A democracia foi restaurada em Portugal, o império colonial desvaneceu-se, entramos para associados da Comunidade Europeia.

No nosso restrito campo da *Electricidade*, multiplicamos quase por três a capitação anual de energia eléctrica, ao mesmo tempo que a Microelétrica e a Informática surjiram por toda a parte como o paradigma técnico do mundo civilizado.

E a Revista? Ocupa sempre o mesmo lugar sem paralelo na nossa literatura da especialidade. O seu conteúdo adaptou-se à transformação social e por isso os problemas da produção de energia eléctrica, tema dominante quando saiu o nº 100, perderam muito do seu exclusivo.

Do mesmo modo que o centro da economia evoluiu da oferta para a procura, a Revista torna-se cada vez mais, um ponto de confluência dos problemas ligados à distribuição e à utilização da electricidade. E é natural que assim seja.

Se constato que esta tendência acentua, pela força das circunstâncias, o seu predomínio nas preocupações da Revista, sinto que outro meu voto de 1974 não se realiza. Refiro-me a uma certa ausência das matérias

que ocupam a investigação científica no nosso país, sobretudo nas universidades.

Continuo a crer que a Revista encontraria aqui um manancial inesgotável de temas eminentes e um terreno privilegiado para se distinguir. Desde que fizesse a selecção criteriosa dos trabalhos publicados, para evitar as sensaborias científicas só acessíveis a raros especialistas. Simultaneamente multiplicar-se-ia a colaboração na Revista, condição que me parece determinante para a sua valorização nacional e internacional.

Um atributo que sempre me encantou na *Electricidade* foi o espírito desempoeirado dos seus responsáveis. Aceitam publicar artigos pouco ortodoxos, que outras revistas censurariam, amparadas no princípio do *magister dixit*, esquecidas de que mesmo em Engenharia a verdade de hoje pode ser a mentira de amanhã.

Lembro-me neste momento de um artigo que punha em dúvida a energia fotovoltaica, de outro que propunha o aproveitamento utilitário da energia elástica do espaço einsteiniano. Ninguém os contestou e pena foi, porque a Revista, e sobretudo os leitores, tudo têm a ganhar com polémicas esclarecedoras.

Só me resta fazer votos, nesta festiva comemoração do nº 300 da *Electricidade*, pela continuação do seu valioso contributo para o progresso e o prestígio da Electrotécnica. ■